

O CARVALHO PARA A SOMBRA E OS FRUTOS DO AMANHÃ: A PRODUÇÃO DE UMA NOVA CULTURA ESCOLAR A PARTIR DOS IDEAIS DO MOVIMENTO DA MATEMÁTICA MODERNA NO GINÁSIO MAIRI (1967-1975)

Joubert Lima Ferreira

Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências – UFBA/UEFS

jouferr@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da pesquisa, que venho desenvolvendo no mestrado, cujo objetivo é analisar historicamente o processo de apropriação, no âmbito escolar, dos ideais do Movimento da Matemática Moderna no Ginásio Mairi – em Mairi/BA, no período de 1967 a 1975, identificando como os elementos do Movimento da Matemática Moderna, presentes no Ginásio Mairi, contribuíram para a formação de uma nova cultura escolar. Esse recorte temporal foi escolhido tendo como início o ano de fundação desse ginásio e como término o ano de formação da primeira turma de magistério.

Para fazer esse estudo escolhemos dialogar com as seguintes fontes: cadernetas de aulas, planos de aulas, Boletim Informativo da CNEC, os livros de matemática adotados, além de entrevistas, que foram utilizadas como mais um elemento de investigação.

Para tanto, trazemos o tempo, o espaço, os sujeitos e suas práticas culturais na cidade de Monte Alegre, assim mostramos um pouco da história da educação desse município, abordando desde a criação da Vila de Nossa das Dores até a fundação do Ginásio Mairi, e depois discutindo a presença de elementos do Movimento da Matemática Moderna (MMM), através do cotidiano daqueles que faziam matemática no Ginásio Mairi.

GINÁSIO MAIRI: UM POUCO DE HISTÓRIA

Em 31 de dezembro de 1857, através da Lei Provincial nº 669, foi criada a Vila de Senhora das Dores de Monte Alegre. Quase quarenta anos depois, em 5 de agosto de 1897, a Vila de Nossa Senhora das Dores foi elevada a categoria de cidade, através da Lei Estadual, nº 196, passou-se a chamar Monte Alegre da Bahia. Localizada na Bacia do Jacuípe, fica a 284 km da capital baiana (Cerqueira, 2003).

Somente em 1956, por iniciativa do médico José Vieira da Silva, fundou-se a primeira escola secundária do Município, o Ginásio de Monte Alegre, tornando-se de fundamental importância para o desenvolvimento sociocultural, econômico e político do então município de Monte Alegre.

Em 1967, este ginásio é sucedido pelo Ginásio Mairi, que mais tarde, em 1981, passou a ser chamado Centro Educacional Cenequista Luiz Rogério de Souza (CNEC). Isto porque, em 29 de julho de 1943, na cidade de Recife, em Pernambuco, um estudante, Felipe Tiago Gomes, nascido em Picuí, no interior da Paraíba, convidou outros colegas para, juntos, fundarem um ginásio para as pessoas que não tinham acesso à escola pública daquela capital, denominando-o, Campanha do Ginasiano Pobre (CGP), posteriormente passou-se a Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC). A proposta era fornecer escola gratuita a essa população, tendo como suporte estudantes e professores que iriam trabalhar sem receber remuneração. Isto aconteceu até 1952, quando a instituição reformulou seus princípios, tornando-se de base comunitária, fazendo com que a comunidade arcasse com a remuneração dos professores.

A ideia inicial dessa proposta foi apropriada em outros contextos, havendo uma difusão dessas ideias através da criação de ginásios em vários estados brasileiros. Assim, em 27 de agosto de 1966, Luiz Rogério de Souza, presidente da CNEC, acompanhado do então Deputado Durval Gama, que o trouxe a Mairi, fundou, nessa cidade, o Setor Local da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, que deveria manter o futuro Ginásio Mairi. Assim, em 08 de outubro desse mesmo ano, foi instalado e estruturado o Setor Local. Fizeram-se presentes, a administradora Maria de Lourdes Soares, o desembargador Claudionor Ramos e a secretária do Conselho Estadual de Educação, Professora Zelinda Ramos. Em 18 de março de 1967, no prédio da Escola Getúlio Vargas, cedido pelo Estado, instala-se o Ginásio Mairi, com funcionamento provisório à noite. Inicialmente esse Ginásio contou com 103 alunos divididos em quatro turmas, sendo três destas do extinto Ginásio de Monte Alegre.

No primeiro ano de funcionamento, em 1967, o ginásio teve como Diretora a professora Maria da Conceição de Oliveira Cunha, como secretária a professora Edna Simões Costa. Suas primeiras professoras foram Celuta de Oliveira Cunha, Maria de Lourdes Rios Sena, Marinalva Santos Souza, Maria Perpetua Dórea da Costa, Arlete Cerqueira Lopes, Iracy d'Araújo Leal, Margarida Augusto de Oliveira, Elielza de Oliveira Cunha, Maria da Conceição de Oliveira Cunha, Zilda Araújo Pedreira – esta professora de Matemática – Luiza Simões Costa, Odete Oliveira Cerqueira e Maria Luiza Moreira Menezes.

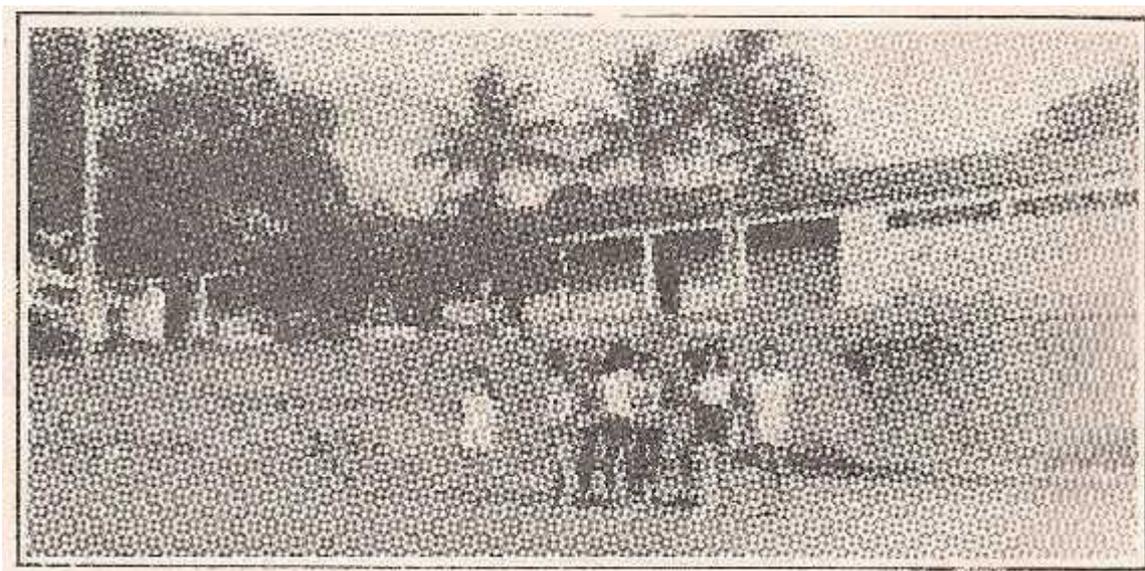


Figura 1. Vista interna do Ginásio Mairi. Fonte: Informativo Cenecista, p.2. 1992.

No dia 09 de novembro de 1969 foi inaugurado o primeiro prédio com 600 m², que foi construído em uma área de 18.000 m², mas só em março de 1970 essa unidade física foi ocupada para a realização das atividades pedagógicas. Em 1973, algumas mudanças aconteceram no Ginásio Mairi, entre elas destacam-se: instalação do Curso de 2º grau com o curso de Magistério e a mudança do nome do ginásio que passou a chamar Centro Educacional Mairi (CEM). Em dezembro de 1975 houve a primeira formatura de professoras, foram 18 mulheres. Em março de 1976, criou-se o curso Contabilidade e em 1981 o CEM passou a ser chamado Centro Educacional Cenecista Luiz Rogério de Souza. Portanto, uma homenagem ao fundador do Setor Local da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, na cidade de Mairi.

As aulas de Matemática no Ginásio Mairi

O Ginásio Mairi, no período de nosso estudo, teve basicamente dois professores de matemática, foram eles a professora Zilda Araujo Pedreira, normalista, formada pela Escola Normal de Feira de Santana, e o professor Luiz Augusto de Oliveira, formado em Engenharia Agrônômica pela Escola de Agronomia do Vale do São Francisco, hoje Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus III em Juazeiro – Bahia, no ano de 1965. Assim, fizemos a opção de trabalhar, nesse nosso estudo, com esses dois professores. Contudo, apresentamos apenas uma análise sobre as práticas pedagógicas do professor Luiz Augusto de Oliveira, que serviram como suporte para a abordagem histórica de alguns aspectos do ensino da

matemática no Ginásio Mairi. Isto, porque, apesar de algumas tentativas, não conseguimos obter sucesso no sentido de entrevistar a professora Zilda Araujo Pedreira, para a qual algumas fontes que trabalhamos se direcionavam, dando-nos indícios da sua importância na formação dos alunos do Ginásio Mairi. Outro aspecto importante foi o fato de que nos arquivos do Ginásio só encontramos as cadernetas de matemática a partir do ano de 1971, referentes apenas ao professor Luiz Augusto de Oliveira.

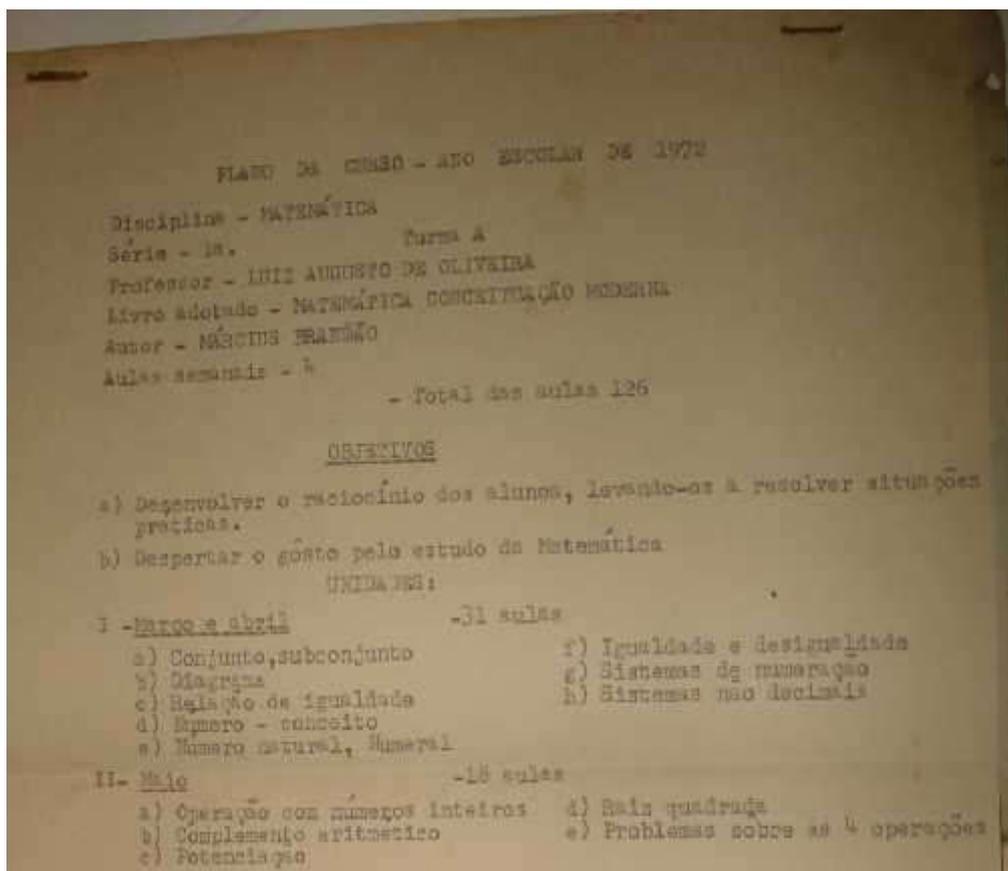


Figura 2. Plano de Curso - 1972: 1ª série do Ginásio. Fonte: Arquivo da CNEC – Mairi/BA.

Um primeiro indício de um processo de reforma curricular, trata-se da presença de conteúdos da matemática moderna, cujo processo de implementação vinha ocorrendo desde o final dos anos de 1950. No Ginásio de Mairi, esta inserção se dá através do livro Matemática Conceituação Moderna, de autoria de Marcius Brandão adotado pelo professor Luiz Augusto de Oliveira, tal como podemos observar no seu Plano de Curso de 1972. Em relação à organização dos conteúdos, presente nesse seu Plano de Curso, pudemos observar que ele planejou fazer uma abordagem dentro da teoria dos conjuntos. Percebemos também que a geometria de base euclidiana foi deixada para o final.

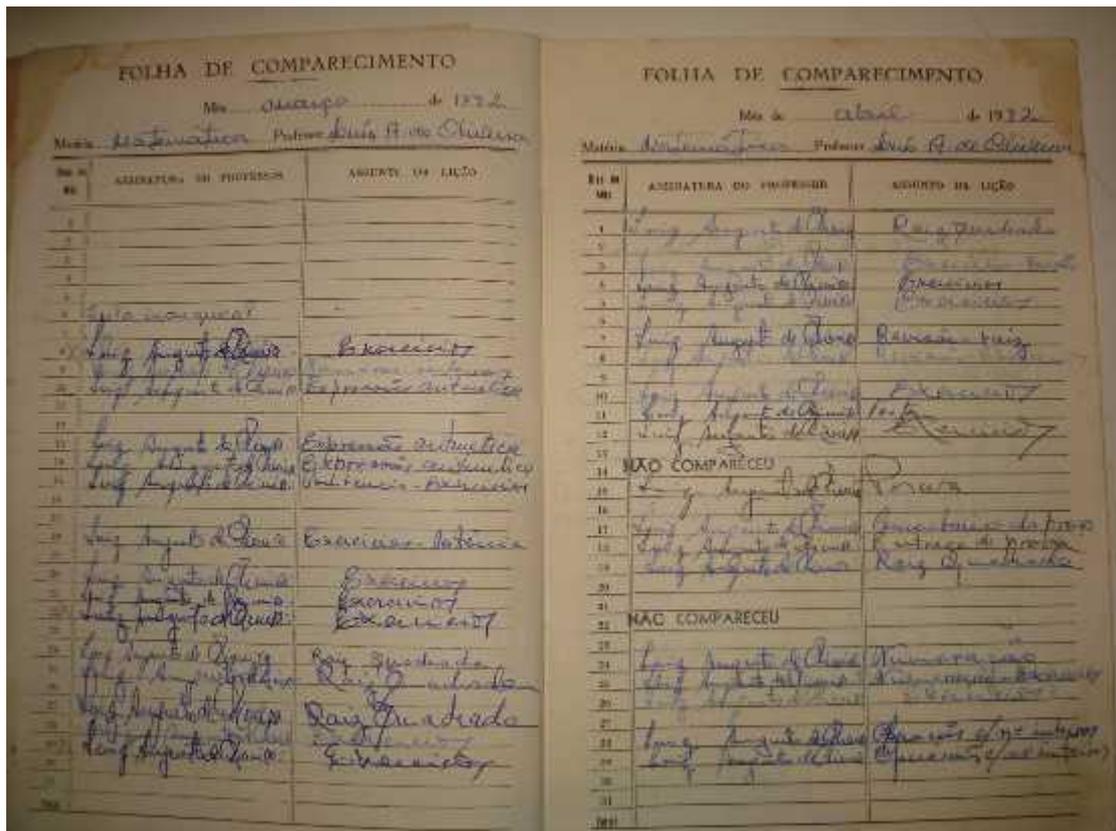


Figura 3. Caderneta da 1ª série do Ginásio – 1972. Fonte: Arquivo da CNEC – Mairi/BA.

Contudo, ao analisarmos a sua caderneta desse mesmo ano, da qual apresentamos aqui um excerto, referente a primeira série do ensino ginásial, observamos que o professor trabalhou conteúdos diferentes dos propostos no seu plano de curso. De fato, apesar de o plano trazer uma abordagem, para os meses de março e abril, com os tópicos: conjunto, subconjunto, diagrama, relação de igualdade, número (conceito), número natural, numeral, igualdade e desigualdade, sistema de numeração e sistemas não decimais, o professor Luiz Augusto de Oliveira, na sua prática, não fez uso desses tópicos. Ele já começou as suas atividades de ensino trabalhando com números inteiros e suas operações – que ele chamou de operações aritméticas – e depois trabalhou potenciação e radiciação. Em nenhum momento ele retomou os tópicos que estavam propostos para serem trabalhados inicialmente.

Ao darmos continuidade em nossa observação acerca dos conteúdos, percebemos que o professor não ensinou geometria da forma que estava proposto no seu plano. Apenas trabalhou medidas – tempo, peso, capacidade e volume – e área de figuras planas. Basicamente, o trabalho centrou-se nos números inteiros e suas operações, no trabalho com Mínimo Múltiplo Comum (M.M.C), Máximo Divisor Comum (M.D.C) e frações. Ainda, nessa nossa análise percebemos que as aulas foram de caráter expositivas seguidas de

exercícios. Era aplicada uma prova mensal, e os alunos que não alcançavam a média, o professor realizava recuperações orais.

Assim, de acordo com essa nossa análise sobre dois documentos do professor Luiz Augusto de Oliveira, percebemos que ele se contradiz. No planejamento, foi assumida uma proposta de ensino que contemplava os ideais do MMM, contudo, a sua prática pedagógica, de certa forma, evidenciada pela sua caderneta de 1972, mostrou outra realidade.

Destarte, analisando as cadernetas da 1ª série do curso Ginásial – 5ª série do 1º grau – dos anos seguintes, observamos que no ano de 1973 o professor Luiz Augusto usou a teoria dos conjuntos, no início do ano letivo por um período de duas semanas. Já em 1974, houve uma duração de três semanas. Em 1975, o plano anual previa um bimestre trabalhando com a teoria dos conjuntos, assim como propunha o plano anual de 1972 mostrado anteriormente. Porém, observamos que mais uma vez o professor ministrou aulas em torno desse assunto apenas por três semanas. Quando questionado sobre o uso da teoria dos conjuntos em sua prática de sala de aula, ele diz “[...] muito pouco! porque, olha, conjunto ainda mais ou menos assim [...]” (Oliveira, L. A., entrevista pessoal, 04 de junho, 2010). Diante dessa afirmação, podemos interpretar que ele teve resistência para ministrar essa teoria em sala de aula, quer seja por falta de domínio, quer seja por não achá-la importante dentro do conhecimento matemático.

Percebemos desta forma, que a inserção do conteúdo se deu de maneira tímida, a qual os conteúdos foram pouco trabalhados e explorados, sendo utilizadas apenas as ideias iniciais sobre a estrutura dos conjuntos. As aulas durante esse tempo obedeciam à mesma sequência já mencionada. Nesse sentido, vale a pena ainda frisar que ao observarmos o quadro seguinte, referente ao Programa Curricular de Matemática proposto para o Curso Ginásial, sendo um dos modelos referenciais sobre os conteúdos a serem ensinados, elaborado pela SCM do Centro de Ensino de Ciências da Bahia (CECIBA) e exposto no seu Boletim de 1968 (Freire, 2009, p. 80),

Primeiro Ano	Segundo Ano
<ul style="list-style-type: none"> • Conjunto e Relações. • Número e numeral; Sistemas de numeração; Bases. • Operações com números naturais; Propriedades estruturais. • Divisibilidade; Múltiplos comuns e divisores comuns; Números primos; Fatoração. • Frações. 	<ul style="list-style-type: none"> • Raiz quadrada. • Razão e proporção. • Números inteiros relativos. • Números racionais relativos. • Equação do 1º grau com uma incógnita. • Inequações do 1º grau com uma incógnita. • Sistemas de equações do 1º grau com

<ul style="list-style-type: none"> • Números decimais. • Estudo intuitivo das primeiras figuras planas e espaciais; Medida de seus comprimentos, áreas e volumes. 	duas incógnitas.
Terceiro Ano	Quarto Ano
<ul style="list-style-type: none"> • Números reais. • Reta. • Geometria afim do plano. • Geometria euclideana: Distâncias e polígonos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Geometria euclideana: Círculo. • Extensão da noção de ângulo: Seno, cosseno e tangente de um ângulo. • Relações métricas num triângulo: Lei dos senos e cossenos. • Relações métricas no círculo. • Polígonos regulares. • Áreas dos polígonos. • Equação do 2º grau.

Figura 3: Programa Curricular de Matemática para o Curso Ginásial. Fonte: Boletim do CECIBA, n.6, jun/1968 (Freire, 2009).

constatamos que os Planos Anuais e as Cadernetas de Ensino do Ginásio Mairi em relação ao ensino de matemática, a partir de 1972, propostos pelo professor Luiz Augusto de Oliveira adéqua-se a esse Programa Curricular. Entretanto, de acordo com a nossa análise, essa adequação não se deu de maneira rápida.

A postura desse professor nos sugeriu que pode ter havido alguma interferência, por parte do Ginásio Mairi, no momento do planejamento do seu Plano de Curso, mas que no exercício da sua autonomia docente, acreditamos que o professor Luiz Augusto de Oliveira, em conformidade ao entendimento de Chartier sobre cultura (1988, 1994), parece ter se apropriado essas novas orientações somente quando começou a internalizar a sua necessidade na sua prática pedagógica em sala de aula. Em entrevista ele afirmou que:

Como professor, eu acredito que... Meu método fui eu que fiz. Eu não estudei uma certa didática, a minha didática fui eu mesmo quem fiz. Lecionando, conhecendo o aluno e batendo papo com o aluno e aluno entendendo minhas aulas. Sempre fui assim, muito aberto. Eu nunca fui de pegar, ler exercício em sala. O que eu aprendia eu jogava na sala, sempre fui assim. Vamos dizer: eu dava equação do 2º grau “pápápápá”, com aqueles tópicos, aquelas anotações e o pessoal entendiam. Eu acho que, modéstia parte, eu fui um professor de grandes recordações na CNEC. (Oliveira, L. A., entrevista pessoal, 04 de junho, 2010)

Um dos fatores que pode ter contribuído para a resistência em utilizar os conteúdos, talvez tenha sido a sua concepção de matemática, alicerçada pelos parâmetros da engenharia, notadamente uma área de conhecimento que ainda hoje aborda as teorias da matemática apenas como ferramenta para viabilizar a prática do engenheiro, algo que a Teoria dos

Conjuntos contradizia com a sua linguagem estritamente abstrata. Assim, pareceu-nos natural que o processo de implementação dessa nova maneira de organizar o currículo da matemática tenha sido para ele um processo lento, pois as novas ideias pareciam causar um impacto sobre a sua prática pedagógica. Era necessário que o professor Luiz Augusto de Oliveira rompesse com hábitos tradicionalmente vigente nos espaços escolares, enfim, quebrasse a sua rotina sobre o quê e como ensinar matemática, para que pudesse inserir na sua prática uma nova abordagem no ensino secundário da matemática.

Outro indício do processo de apropriação do MMM pelo Ginásio Mairi é a grande quantidade de livros didáticos publicados no Brasil, em conformidade aos ideais do MMM que teve grande circulação durante as décadas de 1960 e 1970. Neste sentido, destacamos, dentre outros, os livros de Sangiorgi, de Scipione di Pierro Neto, de Miguel Asis Name, de Marcius Brandão e os do Grupo de Ensino de Matemática Atualizada (GRUEMA). Especificamente, em relação às publicações da Bahia, encontramos na Biblioteca do Ginásio Mairi, uma publicação, de 1975, do livro didático Ensino Atualizado de Matemática, de autoria de Omar Catunda, Martha Dantas, Eliana Nogueira, Norma Araújo, Eunice Guimarães e Neide Souza, notadamente professores vinculados as atividades da SCM do CECIBA. Foram dois volumes, referentes a 7ª e 8ª séries do primeiro grau, com conteúdos, como não poderia ser diferente, em conformidade com aquele Programa Curricular de Matemática elaborado pela própria SCM do CECIBA. Assim, mais uma vez, reforça-se o entendimento do papel, que teve essa Secção, como agente difusor do MMM matemática moderna na Bahia.

Há ainda nesse colégio alguns livros de origem internacional, tal como o de autoria do School Mathematics Study Group (SMSG), intitulado Matemática: curso ginásial, volume 1. Trata-se de uma edição de 1967, traduzida por Lafayette de Moraes e Lydia Condé Lamparelli, publicada pela Editora EDART, com direitos reservados para o Brasil, pelo IBECC – UNESCO, Seção São Paulo. Este livro traz, em seu prefácio da edição brasileira, a informação de que não apresenta cortes na sua abordagem acerca dos ideais do MMM, ficando sob a responsabilidade do professor de fazê-los, caso seja necessário. Também apresenta que mesmo sendo “[...] escrito para uma realidade diferente da nossa, acreditamos que o texto será de grande utilidade para a juventude estudiosa de nossa terra” (SMSG, 1967, s/p). Além dessas peculiaridades, este livro não apresenta apenas conteúdos a serem trabalhados na educação escolar, mas também, uma abordagem pedagógica para o trabalho do professor, (in)formando métodos, técnicas e recursos sobre determinados conteúdos que deveriam ser trabalhados em uma dada série.

Além dos livros citados acima, destacamos o Guia do Professor: matemática para o 1º grau, publicado em 1973, pela editora EDART, de autoria de Lygia Condé Lamparelli – uma das tradutoras do livro do SMSG, citado anteriormente – Aline Tereza Carminati e Amália Amato de Toledo Arruda. Essas autoras faziam parte da Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino de Ciências e do Centro de Treinamento para Professores de Ciências do Estado de São Paulo.

Existem outros livros que são especificamente voltados para a formação do professor de matemática no período do Movimento, também encontrados na biblioteca da escola. Neste caso, referimo-nos ao livro Apostilas de Didática Especial de Matemática, uma obra publicada em 1958, pelo Ministério da Educação e Cultura, por meio da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES). Nesse livro encontramos textos de Ceres Marques de Moraes, professora do Liceu Nilo Peçanha de Niterói e Assistente de Didática Especial de Matemática na Faculdade Fluminense de Filosofia. E, ainda, os textos dos professores Julio César de Mello e Souza, mais conhecido como Malba Tahan e Manoel Jairo Bezerra, o primeiro catedrático da Faculdade Nacional de Arquitetura e do Instituto de Educação, ambos do Colégio Pedro II.

Como produto da influência da CADES junto aos professores que faziam o seu curso, ainda encontramos, no Ginásio Mairi, o livro Estudo dirigido de Matemática, publicado em 1964, de autoria de Luis Alberto S. Brasil. Tal livro foi escrito a partir de uma série de questionamentos levantados pelos professores que participaram dos cursos da CADES e por meio das correspondências enviadas por alguns desses professores, que relatavam sobre as suas práticas pedagógicas a partir do curso. Assim, o livro propõe “[...] mostrar que o ensino da Matemática também pode abandonar os métodos tradicionais e orientar-se pelos princípios modernos da psicologia da aprendizagem”(Brasil, p. 17). Na época, a CADES era determinante para os professores que não tinham uma formação superior, uma vez que eles somente conseguiam autorização definitiva para lecionar no ensino secundário após terem feito o seu curso e obtido aprovação.

Conforme a professora Elieuzza Cunha Ribeiro

[...] foi a primeira oportunidade que nós tivemos de fazer o curso da CADES. Aí eu fui, fiz o curso de ensinar história. [...] Odete, Celuta, Conceição, Zilda, Arlete (que já faleceu), não sei se Luizinha fez, Luiza Costa, Lurdinha eu não tenho certeza, era professora de ciências. Em Salvador, era no Central. Era um mês. Não me lembro se era o dia todo ou se era um turno, e a gente assistia as aulas, conteúdo, mas era conteúdo. Uma maneira mais assim, didática, mas era mais conteúdo e discussão. Já começava o assunto, a você opinar sobre a matéria que era estudada. Não dava material, quase material nenhum a gente recebia. Era mais tudo você copiava. O professor passava pra você, e você tinha os seus apontamentos para você poder colocar em prática [...]. (RIBEIRO, E. C. Entrevista pessoal. 18 de janeiro de 2012)

Na fala acima percebemos que a professora Zilda – professora de matemática – realizou o curso da CADES, o qual influenciou diretamente a sua prática em relação aos conteúdos, métodos e técnicas usadas na sua prática pedagógica.

As aulas de matemática no Ginásio Mairi, se configuravam de maneira diferenciada em relação ao papel desempenhado pelos professores Luiz Augusto e Zilda Pedreira. Nas palavras da ex-aluna Odília Ferreira

[...] Zilda era muito assim, disciplinada naquilo que ela fazia. Ela fazia questão que a gente prestasse atenção no que ela estava fazendo, que tirasse a dúvida. Porque ela não permitia que na hora da prova perguntasse. Ela era mais rígida no que fazia. Já o professor Luiz era assim muito tranquilo. Às vezes até deixava, as informações..., a gente perguntar, assim um perguntar ao outro. Eles dois eram bem diferentes, completamente diferentes. Provas, questões, respostas... A avaliação? Se havia rigor? Zilda fazia minuciosamente, mais com menos, menos com mais. A arrumação, tudo que você determinou ali. E eu acho que ele assim, não que ele não quisesse fazer, mas se ele achava que você deu a resposta certa, tava decidido. Tinha, tinha, com toda certeza. Você tinha que fazer e provar ali o que você fez. Ela dizia “resolva de lápis, e me dê a resposta de caneta”. Era feito assim, ela exigia mesmo. Queria o papelzinho ali ou então o detalhe já feito todo na prova, era feito assim, ela tinha essa preocupação. Eu poderia até dar uma resposta, e de onde eu achei essa resposta? E ela queria. Ele não era professor, era engenheiro agrônomo. Aí que você vê como, a dificuldade da época como era. Pegava um médico pra ensinar biologia, pegava o agrônomo pra ensinar matemática. São áreas que, claro que ele estudou matemática também, mas pra gente que assim, na questão da didática, era completamente diferente [...]. (SANTANA, O. F. de. Entrevista pessoal. 13 de fevereiro de 2012)

O trecho acima evidencia que havia duas práticas bem diferentes. A primeira delas caracterizada pela forma rígida de trabalho e trato para com os alunos. Esta, é substituída pela segunda, que trazia uma forma leve e dialógica, menos rígida, do professor Luiz. A ex-aluna também demonstra uma preocupação com a falta de professores qualificados para o exercício da docência naquela época.

Assim, conforme nossa análise sobre essas fontes, que fazem parte da história do Ginásio Mairi, identificamos a presença de elementos do MMM como contribuintes de nova cultura escolar, evidenciada pelas práticas pedagógicas dos professores, que ensinavam matemática no Ginásio Mairi.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Os ideais do movimento de reforma do ensino de matemática na Bahia estiveram presentes no Ginásio Mairi. No entanto, argumentamos que a lenta incorporação de novos conteúdos ou ainda o uso dos conteúdos já instituídos com novas abordagens e novas metodologias nas práticas pedagógicas do professor de um modo geral não perpassou apenas

na sua participação e no domínio das atividades realizadas pelos grupos que inicialmente se apropriaram, no Brasil, das teorias da matemática moderna que eram praticadas no nível superior ou mesmo pelo acesso aos livros publicados que refletiam esse ideário do MMM.

Sendo assim, foi necessário que houvesse também o despertar desses professores por essa renovação, algo que justificasse para si próprio a importância dessa modernização do ensino de matemática a nível escolar, que os fizessem se apropriar das propostas do MMM na sua realidade, ou seja, dentro do seu contexto escolar. E isto requisiu tempo, amadurecimento, que nem sempre foi bem entendido no ápice do Movimento, no qual a resistência do professor era muitas vezes confundida com comodismo.

Outra questão que merece destaque é maneira peculiar como cada um dos professores de matemática, apresentados ao longo do texto, produziam um contexto de prática próprio. Levando em consideração sua formação, seja pedagógica ou não, sua concepção de ensino, a de matemática, o processo de educação como um todo. Assim construíram a sua didática, seu método.

Portanto, questionamentos como o professor constituiu-se professor de matemática no exercício da docência? Como o contexto escolar influencia na produção do conhecimento a ser ensinado? Qual o papel que os livros, didáticos ou de formação, exercem sobre a prática cultural exercida na sala de aula e na escola? Esses são alguns questionamentos que ainda serão investigados ao longo dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Marcius. **Matemática Conceituação Moderna**. 4 volumes. São Paulo: editora do Brasil, 1972.

BRASIL, Luís Alberto S. **Estudo dirigido de Matemática no Ginásio**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964.

CERQUEIRA, Eptácio Pedreira. **Mairi: sempre Monte Alegre**. [S.l.]: Projeto gráfico e Editoração eletrônica: M2Mídia, 2003.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII**. Brasília, DF: Ed. UnB, 1994.

_____. Introdução: Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa, Portugal: Difel, 1988. p. 13-28.

FERREIRA, J. L. ; LIMA, E. B. . De uma semente mais de mil árvores: elementos do movimento da matemática moderna no Ginásio Mairi (1967 - 1975). In: XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática, 2011, Recife. CD ROM - **ANAIS**, 2011.

FREIRE, I. A. A. **Ensino de Matemática**: iniciativas inovadoras no Centro de Ensino de Ciências da Bahia (1965-1969). 2009, 102 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Instituto de Física, Universidade Federal da Bahia/ Universidade Estadual de Feira de Santana. Salvador, BA: 2009.

GRUPO de Ensino de Matemática Atualizada. **Curso moderno de matemática para o ensino de 1º grau**. 4 volumes. 2 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1974.

LAMPARELLI, Lydia Condé. CARMINATI, Aline Tereza. ARRUDA, Amália Amato de Toledo. **Guia do Professor**: matemática para o 1º grau. São Paulo: EDART, 1973.

MORAES, Ceres Marques. SOUZA, Júlio César Melo e. BEZERRA, Manoel Jairo. **Apostilas de Didática Especial de Matemática**. MEC/CADES. Rio de Janeiro, 1958.

NAME, Miguel Asis. **Matemática ensino moderno**. 4 volumes. São Paulo: Editora do Brasil, 1973.

OLIVEIRA, L. A., **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira**. Mairi, jun. 2010

PIERRO NETO, Scipione di. **Matemática na Escola Renovada**. Curso ginásial. 4 volumes. São Paulo: Saraiva, 1970.

PIERRO NETO, Scipione di. **Matemática para a escola moderna**. 4 volumes. São Paulo: IBEP,;

RIBEIRO, E. C. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira**. Mairi, jan. 2012

SANGIORGE, Osvaldo. **Matemática**: curso moderno. São Paulo: Nacional, 1963.

SANTANA, O. F. de. **Entrevista concedida à Joubert Lima Ferreira**. Mairi, fev. 2012

SCHOOL Mathematics Study Group. **Matemática**: Curso Ginásial. Vol. 1. São Paulo: EDART, 1967. Tradução de Lafayette de Moraes e Lydia Condé Lamparelli.